

EDITORIAL

A **Phoînix** chega ao seu vigésimo volume. Desde 1995, quando foi lançada, foram publicados 372 artigos (incluindo os deste número) escritos por especialistas de diversas universidades brasileiras e estrangeiras. A revista, desde o seu início, constitui-se em um espaço isonômico de publicação, cotejado tanto por pesquisadores brasileiros quanto por estrangeiros. O objetivo central é divulgar a originalidade e a singularidade da historiografia referente à Antiguidade e sua posição decisiva como espaço para a compreensão dos enigmas e conflitos do viver em sociedade. Publicada exclusivamente através do formato impresso, a *Revista Phoînix* é por excelência um lugar de experimentação, de debate e de crítica acadêmica, pautada pela liberdade de expressão, pela diversidade teórico-metodológica, pelo diálogo, pela criatividade e pela qualidade das pesquisas.

O presente número da **Phoînix** é composto por oito artigos de pesquisadores nacionais e internacionais que se dedicam ao estudo da Antiguidade Greco-Romana, sendo cinco abordando objetos referentes à Antiguidade grega e três à Antiguidade romana. Quanto à natureza da documentação analisada nos artigos, predominam os textos escritos, sendo diversificados os gêneros literários.

O gênero historiográfico tem destaque no artigo produzido por Carmen Soares. Nele, a autora questiona, ao refletir sobre o exercício do poder na Grécia antiga, a posição de Heródoto sobre as “formas de atuação política” consideradas genericamente como regimes opostos, isto é: o “governo de um só” (**monarchia**) e o “governo das massas ou do povo” (**demokratia**). No decorrer do texto, vemos que o historiador grego descreve situações em que o governo de um só liberta e o governo das massas subjuga. No contexto latino, Deivid Valerio Gaia recorre da mesma forma à historiografia antiga para apresentar algumas considerações sobre a primeira crise financeira do Império Romano, a de 33 d.C., sob o Principado de Tibério.

O artigo de Fábio Faversani também se dedica à Antiguidade romana e propõe a análise das diversas formas apresentadas pela historiografia antiga e contemporânea para se interpretar a expressão *quinquennium Neronis*. O autor estuda como as interpretações buscam explicar o termo apoiando-se em diferentes tradições como chaves de leitura e aponta para a possibilidade

de que o uso continuado da expressão *quinquennium Neronis* na literatura do Império Romano e posterior talvez se deva exatamente a sua ambiguidade. Ele entende que possivelmente compreenderemos melhor o seu significado considerando o sentido que assumiu para várias temporalidades e grupos políticos.

A poesia grega, de períodos diferentes, está presente no artigo de Maria Cecília Colombani e também no de Fábio de Souza Lessa e Bruna Moraes da Silva. O primeiro artigo se centra no estudo da poesia hesiódica da passagem do século VIII para o VII a.C., enquanto o segundo, nas tragédias eurípidianas do século V a.C. Cecília Colombani objetiva refletir sobre as características que a inquietude ética ganha em Hesíodo. Tal proposta consiste em destacar em suas obras as recomendações que sugerem uma intensa preocupação com o *ethos* como maneira de viver. Já Fábio Lessa e Bruna Moraes analisam a morte heroica de duas personagens presentes nas tragédias de Eurípides: Alceste e Ifigênia, pretendendo tanto evidenciar como o fim da vida dessas mulheres representa uma bela morte quanto investigar a intencionalidade do trágico ao representar esse discurso.

Construindo a sua argumentação a partir de textos escritos de diversificados gêneros literários, Julián Gallego investiga a definição de um cidadão modelar da *pólis*, utilizando o conceito de *subjetividade instituída*. Segundo o autor, essa noção refere-se aos padrões dominantes que estabelecem uma ideia do homem desejável baseada na exclusão e, acima de tudo, na expulsão dos seres que, embora biologicamente humanos, são considerados socialmente inferiores e colocados fora da humanidade.

Fechando o conjunto de artigos que se dedica a analisar a documentação escrita, o de Matheus Trevisan discute como Xenofonte de Atenas foi assimilado ao diálogo Cato Maior por parte de Cícero e entende essa assimilação como um reflexo de sua formação e suas leituras das obras gregas.

Neste número apenas o artigo de Fábio Vergara Cerqueira apresenta um corpus documental que excede os textos escritos, direcionando-se para a cultura material. Através da interpretação de textos escritos e imagéticos, o autor estuda os aspectos do percurso da narrativa mitológica do conflito entre Apolo e Mársias, cuja história se inicia com a invenção do *aulós* pela deusa Atena, trazendo a lume, ao mesmo tempo, a querela que opunha esse instrumento, associado com frequência ao universo dionisíaco, à *lýra*, vinculada por uma tradição cultural hegemônica ao universo apolíneo. A proposta do artigo é apontar a diversidade de abordagens do mito, sobretudo

em suas representações iconográficas, procurando interpretar as variações de enfoque e prestando atenção, ao mesmo tempo, aos traslados geográficos e aos contínuos cronológicos.

Vale, por fim, um agradecimento especial à Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – Faperj - por ter financiado integralmente este número da **Phoînix**, possibilitando, dessa forma, a divulgação dos resultados parciais das pesquisas de História Antiga desenvolvidas por pesquisadores brasileiros e estrangeiros.

Os Editores